

43º Encontro Anual da Anpocs;

SPG04: Análises de trajetórias e uso de dados biográficos nas Ciências Sociais

Gênero, raça e classe em narrativas biográficas de crianças sobre corpo e beleza

Vanessa Paula Ponte

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A pesquisa conta com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Introdução

“E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?”
José Saramago, “A maior flor do mundo”.

Este artigo nasce de uma pesquisa de doutorado, cujo foco recai sobre a produção da imagem corporal de crianças na faixa etária entre 6 e 12 anos, pertencentes a diferentes realidades sociais e econômicas, frequentadoras de salões de beleza no Distrito Federal.¹ Partindo do princípio de que as crianças são agentes e intérpretes sutis de seus contextos culturais são priorizadas as narrativas biográficas desses sujeitos sobre os processos de produção de sua beleza. No presente texto, almejo discutir resultados do trabalho de campo, cujo eixo foram as vivências das crianças relacionadas ao convívio com os serviços oferecidos nos salões. Por meio da análise de suas narrativas, buscarei compreender as subjetividades, as implicações físicas e emocionais referentes à construção de seus corpos e, sobretudo, o que isso revela sobre o meio social em que estão inseridas.

As narrativas biográficas serão compostas, nos termos de Kofes (2004), como fonte de inspiração do meio social, uma evocação dos sujeitos e uma reflexão da relação entre pesquisados e pesquisador. Acredito que nas narrativas desses atores expressam-se, ao mesmo tempo, singularidades, subjetividades e marcas do social – elementos intrinsecamente relacionados. Elas são tecidas a partir de um trabalho etnográfico, com abordagem antropológica da infância, a partir de uma perspectiva interseccional com outros marcadores sociais de diferença, tais como gênero, classe e raça.²

Para realizar plenamente este estudo, elaborei um mapeamento de salões de beleza situados no Plano Piloto e nas Regiões Administrativas de Brasília. Entre as andanças nas quadras comerciais, nas proximidades das mansões à beira lago,

¹ Pesquisa de doutorado em andamento, no curso de Ciências Sociais da Unicamp, possui anuência do Comitê de ética desta Universidade (Protocolo CAAE 78492117.7.0000.5404).

² Gênero e raça são termos utilizados aqui sem conotações essencialistas. Os trabalhos de Brah (2006), Butler (2001) e Fanon (2008) têm sido inspiradores para pensá-los de forma histórica e socialmente situados. O entendimento de classe se afina com as ideias de Bourdieu (2013), compreendendo-a para além da renda econômica. Esta noção será definida pelas narrativas e percepções dos sujeitos acerca de suas condições cotidianas, estilo de vida, oportunidades de renda, condições de moradia, acesso a direitos como saneamento básico. Busco pensar classe, inspirada em Birole e Miguel (2015), de forma a compreendê-la entrelaçada com os outros marcadores sociais da diferença.

no torvelinho de ruas que se desenham distantes do Eixo Monumental, visitei, em média, 35 estabelecimentos. Alguns deles focados exclusivamente no público infantil; outros, por sua vez, atendem a um público mais variado, que engloba tanto adultos, quanto crianças. Nestes trânsitos, frequentei salões montados por arquitetos, com equipamentos sofisticados, significativo estoque de produtos e com equipes especializadas. Da mesma forma, realizei pesquisa em salões situados em regiões com dificuldades na infraestrutura, localizados em ruas que sequer foram asfaltadas. Embora as diferenças saltem aos olhos, os serviços oferecidos para crianças possuem relativa semelhança: cortes de cabelo, penteados, colorações, maquiagem, unhas decoradas, vendas de adornos e cosméticos.

No cotidiano dos salões, observo meninos e meninas e com eles interajo, seja no momento em que aguardam para serem atendidos, durante a realização do atendimento e depois dos serviços realizados. No calor dos atendimentos, utilizo os recursos das conversas informais seguindo a trilha de Sousa (2017, p. 50), a qual afirma que tais conversas “viram aliadas do pesquisador que investiga a infância, por poderem se desenrolar enquanto se brinca, se trabalha ou se aprende com as crianças, em qualquer ambiente sem formalismos.” Esse tipo de interação ocorre com duas condições: a disposição e o desejo das crianças para interação, e a autorização de seus familiares. Além de dialogar com meninas e meninos nos fluxos dos salões, busco realizar um diálogo mais adensado, aprofundado sobre as vivências de algumas crianças e a produção de suas imagens corporais, lançando mão do método das narrativas biográficas. Para este intento, procuro visitar seus lares, locais de lazer, e espaços escolares no intuito de participar, na medida do possível, de seus cotidianos, observar suas redes de interação e construir uma relação de maior proximidade.

Nestas páginas, coloco em pauta justamente essa passagem entre o calor das cenas ocorridas nos salões, até a abertura de outros espaços nos cotidianos das crianças, nos quais pude aprofundar nossos diálogos para recompor suas narrativas biográficas. Aqui, trarei à baila algumas cenas ocorridas nos salões e fragmentos das narrativas de meninas e meninos frequentadora/es de três estabelecimentos, localizados na Asa Norte, na Asa Sul e na Ceilândia. Me engajarei, especialmente, em tecer uma interpretação sobre os modos como algumas crianças percebem, sentem e significam as práticas corporais de

construção de suas aparências físicas. Neste movimento, almejo elucidar temas mais amplos, tais como as relações entre exigências sociais e discriminação de corporalidades, cultura e mercado, processos educativos e construção do corpo.

Almejo, portanto, organizar tais reflexões em torno de três tópicos. Primeiramente, apresentarei ao leitor e à leitora os procedimentos metodológicos e o campo de discussão sobre infância em que o trabalho etnográfico se situa. Pautarei, especialmente, como as narrativas biográficas são manejadas na pesquisa. Em seguida, convido a uma aproximação do contexto do estudo nos salões e apresento cenas do trabalho de campo, cujo eixo foram as experiências relacionadas ao convívio das crianças com os serviços oferecidos em diferentes estabelecimentos estudados. Descreverei dinâmicas do campo de pesquisa nas quais procurei aprofundar as relações com as crianças, extrapolando os espaços dos salões. No último tópico, partilho uma possível interpretação sobre tais cenas e dinâmicas, feita à luz das temáticas pautadas.

Os fios teóricos e metodológicos da pesquisa e suas tramas narrativas

Fundamento-me nas reflexões de Cohn (2005), Sarmiento (2003), Corsaro (2011), Sousa (2017), Pires (2016), os quais ressaltam a importância da realização de pesquisas que primem pelo protagonismo dos pontos de vistas das crianças, valorizando, assim, trabalhos feitos *com elas* e não simplesmente *sobre elas*. Nesse sentido, para compor as narrativas biográficas, ouço atentamente o que meninos/as têm a dizer sobre seus corpos, beleza e gênero. Procuo desenvolver formas colaborativas de construção do conhecimento. Nas visitas sistemáticas aos salões, busco interagir de forma descontraída com elas. Participo de suas brincadeiras; aprecio seus desenhos; escuto o que dizem sobre os filmes que assistem. Além disso, busco garantir-lhes o direito de decidir participar ou não da pesquisa e procuro deixá-las à vontade para que esclareçam dúvidas sobre as etapas do estudo e manifestem suas opiniões sobre a minha postura como pesquisadora. Esses aspectos são chaves delicadas de entrada para o diálogo e, conseqüentemente, para o adensamento das narrativas. Ressalto que priorizo, em todos os momentos, a preocupação ética – fundamental em pesquisas com atores infantis (Kramer, 2002).

Cabe destacar, que este trabalho está em sintonia com uma agenda metodológica de estudos com crianças, produzidos de forma interdisciplinar, desde o final dos anos 80; insere-se ainda na esteira do avanço dos estudos feministas, que reconhecem meninas/os como sujeitos históricos ativos na construção da realidade social, como seres criadores de conhecimentos. Tal agenda contraria um longo período das ciências sociais brasileiras, no qual as pesquisas, conforme apontam Pires e Saraiva (2016, p. 165) “silenciaram ou simplesmente ignoraram as vozes das crianças. Mesmo quando elas apareciam, era em geral, como ‘adereço’ no universo do adulto”.

Nessa trilha de pensamento, Hirschfeld (2016) infere que a valorização de estudos com crianças e ao mesmo tempo o reconhecimento de suas narrativas e agências foi um processo lento, obtido mediante grande resistência. O autor chega a mencionar a expressão “marginalização das crianças e da infância” nos estudos antropológicos: “a maior parte da antropologia reconhece (discretamente) que as pesquisas com crianças são um objetivo válido, mas, de um modo geral, é clara a mentalidade de que elas não são importantes” (p. 173). O autor constrói o seu texto para valorizar o campo de estudos da infância e ao mesmo tempo para questionar o porquê dele ter sido relegado: “A grosso modo, a maior parte da antropologia tem marginalizado as crianças porque desprezou duas características em que elas são muito boas: a capacidade excepcional em adquirir a cultura dos adultos e, de forma menos evidente, o potencial de criar sua própria cultura” (p. 173-74).

Nesse horizonte de reflexões, refiro-me também às ideias de Spivak (2010). A autora inspira pensar que as crianças são vistas socialmente como sujeitos subalternos que “não podem falar e quando tentam fazê-lo não encontram os meios para se fazer ouvir” (p. 15). Embebida no trabalho da autora e ao acionar a metodologia das narrativas, procuro contrapor a ideia presente na própria etimologia da palavra infância. Originária do vocábulo *fari* (falar, dizer) e do complemento *fans* (criança), o termo *in-fans*, que deu origem à infância, se refere a aquele que não fala. Conforme Sarmiento (2003), essa etimologia gera uma conotação negativa, ao vincular infância com a ideia do discurso desarticulado ou ilegítimo. O autor afirma ainda que “A modernidade estabeleceu uma norma da infância, em larga medida, definida pela negatividade constituinte: a criança não trabalha, não tem acesso direto ao mercado, não se casa, não vota, nem é eleita,

não toma decisões relevantes, não é punível por crimes” (p. 17-8). Dentro desse prisma, as crianças não devem ter espaços de anúncio e não devem ser consultadas, no que diz respeito às realidades que lhes concernem. Buscando desconstruir tal lógica, defendo que elas têm sim muito a dizer sobre seus corpos, beleza e gênero. Parto do princípio, aos modos de Sousa (2017, p. 223), que “as crianças não são apenas boas em aprender, mas também em ensinar.”

Nesse sentido, é possível inferir que há uma potência no método das narrativas biográficas no que tange à construção da alteridade das pesquisas com crianças, pois ao suscitar como condição a escuta sensível do(a)s protagonistas do estudo, o método conduz o(a) pesquisador(a) a abrir mão de seus próprios privilégios, buscando romper com uma postura adultocêntrica. Isso, entre outras coisas, implica quebrar a ideia de que o estudioso, por ter sido criança ou por conviver com crianças nos papéis de pai, mãe, professor, se sente plenamente autorizado a falar sobre elas, sem nem ao menos ouvi-las. Além disso, implica em interpelar a ideia de que suas pesquisas “dão voz às crianças”, já que elas sempre tiveram suas vozes, enunciações e expressões. Importa, portanto, primar pelo espaço de enunciação desses sujeitos no presente, sem subalternizá-los, entendendo que os seus posicionamentos, em interação com os adultos, são capazes de alargar o entendimento da vida social em suas amplas dimensões.

É importante que se diga que há discursos correntes em nosso contexto social que colocam a prova “a legitimidade” das narrativas biográficas das crianças, argumentando que suas falas são atravessadas de “imaginação”, de “invenção”. Esses discursos apregoam, além disso, que meninas e meninos não viveram “tempo o suficiente” para compor relatos dignos de consideração. Ora, as dimensões de tempo, criação, imaginação são construídas socialmente, e portanto, atravessam- de maneiras particulares- não só as narrativas das crianças, mas também dos adultos. Estes, das mais diversas formas, criam, imaginam e expressam suas próprias representações da realidade e de suas trajetórias. Elas, aos “6”, “7”, “8”, “9” anos de idade também. Na peleja de seus cotidianos, meninas e meninos negociam com suas rotinas, experienciam alegrias, lidam com dores e cansaços, enfim, sentem e pensam a vida, e a partir disso costumam suas lembranças e compõem suas narrativas.

Como já enunciado, tais narrativas são potentes não só no sentido de desvelar as concepções de cada criança sobre si, mas no sentido de mostrar maneiras plurais de viver a infância, fazendo emergir nuances, que seriam possivelmente ignoradas em narrativas tecidas por adultos acerca desse tempo social. Movimentar esse entendimento implica uma sintonia com a Convenção sobre os Direitos da Criança (1990), a qual garante a todas elas o direito de expressar suas opiniões livremente e, sobretudo, o direito de serem ouvidas, sobre assuntos que lhes dizem respeito (Brasil, 1990).

Nesta consciência, venho construindo relações dialógicas com crianças que conheci nos fluxos dos salões – com diferentes perfis em termos de classe, gênero, raça – para recompor suas narrativas biográficas. Os fios metodológicos foram se tramando a partir das muitas lições que aprendi no bojo de nossas interações. Antes de qualquer coisa, para recompor suas narrativas, era preciso deixar-se afetar, entrando em sintonia com o tempo, os interesses delas, compartilhando sentidos e experiências. Entendi que para construir uma relação dialógica não era preciso sentir o que sentiam (penso que isso nem mesmo é possível), mas antes sentir-me mobilizada, atravessada pelo que as mobilizam, exatamente como orienta Favret-Saada (2005).

Assim, não adiantava chegar diante das crianças com ligeireza, anunciando logo os propósitos da pesquisa; era preciso, antes disso, ser escolhida por elas para que o diálogo acontecesse. Para isso, estabeleci contatos que se iniciam muito antes das primeiras trocas de palavras e apresentações mais formais. O empenho na interação com meninas/os é multifacetado: através de um simples olhar, um sorriso, um arquear de sobrancelhas, a execução de movimentos lúdicos, como a leve batida dos meus sapatos no chão, um tamborilar de dedos na face, um enrolar de cabelos na ponta dos dedos. Gestos sutis feitos exclusivamente para ele(a)s. Se a criança se abre para interação, procuro me aproximar mais. Se ela tem um relógio desenhado à caneta em seu pulso, por exemplo, pergunto as horas; se tem uma personagem de desenho animado estampado na roupa, converso sobre ela. São portas de entrada para o diálogo conseguidas com delicadeza, respeitando tempos, silêncios, pausas, negativas. Foi assim, aos poucos, sensibilizada pelas

muitas lições vivenciadas em campo, pelos tropeços e acertos que fui acessando as narrativas.

Destaco que foi preciso ter ritmo, flexibilidade e estar aberta sempre às imprevisibilidades, aos imponderáveis advindos dos movimentos do(a)s interlocutore(a)s. Se isso já ocorre numa pesquisa com adultos, fica mais marcado numa pesquisa com crianças. De um modo mais geral, os sujeitos deste estudo não ficarão sentados aguardando o transcurso de uma entrevista, por exemplo. As crianças se colocam em movimentos variados, por vezes, frenéticos. Como muito bem destaca Sousa (2017, p. 57), os pequenos “não permanecem por muito tempo nos lugares onde nós os colocamos – como se fossem peças de um jogo de xadrez. [...] No caso das crianças, a ciranda nunca para de se movimentar e o antropólogo também faz parte dela.” Compreendi fortemente que dançar, cantar, correr, girar, jogar não é apenas uma mera etapa da minha rotina de pesquisa, na verdade, é a permissão para adentrar a ciranda, a chave para compartilhar sentidos e vivências.

É preciso salientar também a energia inventiva movimentada pelas crianças nos momentos das interações. Não foram raras as vezes que em meio a diálogos vinham à tona - surpreendendo-me - um dinossauro feroz, a bailarina em rodopios, o super-herói ou heroína com suas urgências e voos apressados. Apreendi, e não foi rapidamente, que a ânsia intransigente de “um formato linear de interação” deveria ceder lugar a celebração diante dessa disposição criativa. Ser driblada, como numa pelada; senti-me uma pipa, lançada para lá e para cá na fluidez dos movimentos de meninas/os, sentir vertigem com os rodopios e gritos, ser virada do avesso, desconcertada em minha certeza; esses são expedientes no trabalho de campo. O desafio que se coloca - e com força - consiste em entrar em jogos tão diversos, e recria-los a favor do foco do trabalho. Ser criança, animal, palhaço, mágica, equilibrista significava abrir um espaço para nós. Um exercício nada simples, mas potente, pois pouco a pouco aquela energia inventiva expressa em desenhos, personagens, brincadeiras sem amarras e governos abria espaços para relatos de vidas, depoimentos, sonhos e impressões sobre seus corpos e belezas.

Essa forma de proceder reflete um aspecto fundamental das narrativas biográficas apontado por Kofes (1994), que é a reflexão acerca da relação entre

biografado e pesquisador. A autora mostra-nos que a pesquisa nasce dessa relação, portanto primar por ela é fundamental, pois as próprias narrativas de vida acabam refletindo a dimensão desse encontro. No intuito de aprofundar os encontros e adensar as narrativas, procurei visitar, como mencionei acima, os diferentes espaços de sociabilidade das crianças (lar, escola, espaço de brincadeira). Mas para além disso, me engajei em construir uma atmosfera necessária para o adensamento do diálogo no intuito de conhecê-las em suas particularidades.

Nessa dinâmica, movimentei outro aspecto destacado por Kofes (1994) relativo às narrativas biográficas que consiste em considerá-las “uma evocação do sujeito.” Compreendo que cada criança tem um modo de falar, sorrir, chorar, movimentar-se, sentir, expressar suas ideias, uma trajetória peculiar, única. Busco focar nas singularidades e nas subjetividades, compreendendo o fato dessa esfera tão íntima e individual estar em diálogo constante com a dimensão social. O esforço analítico consiste justamente em atentar para os posicionamentos específicos de cada criança em seus contextos particulares, levando em consideração as relações que se estabelecem com marcadores sociais da diferença (gênero, classe social, raça). Como bem explicita Kofes (2001, p. 13) “a experiência de um sujeito não escapa das concretudes sócio-culturais que tensamente o realiza enquanto pessoa”.

Embebida deste pensamento, as narrativas biográficas são tomadas nesta pesquisa, conforme orienta a autora, como “instrumentos fundamentais para a compreensão e análise de relações sociais, de processos culturais e do jogo sempre combinado entre atores individuais e experiências sociais, entre objetividade e subjetividade” (KOFES, 1994, p. 140). Dentro desse jogo e das cirandas que criei com as crianças, busquei primar o foco do trabalho, uma vez que o método em pauta não tem como intuito recompor todos os aspectos da biografia dos protagonistas do estudo. Como afirma Kofes, as narrativas se referem àquela “parcela de vida do sujeito que diz respeito ao tema da pesquisa, sem esgotar as várias facetas de uma biografia” (118). Assim, de maneira sutil, busquei convidar cada criança a conversar sobre corpo, gênero, embelezamento, ou seja, fui

delimitando o fluxo de lembrança em relação àquelas questões que movimentam o trabalho (KOFES, 1994, p. 121).

Não ansiava, portanto, que cada criança recompusesse de forma linear e rigorosa suas experiências singulares, suas vivências. Muito menos busquei uma ordem cronológica de todos os acontecimentos de sua vida. Compreendo que cada biografado(a) constrói – de maneira particular – a forma de contar as suas vivências e experiências, o que pensa sobre suas ações, as ações dos outros com quem partilha a vida e a compreensão de seu entorno. Ele(a) vai selecionando, no curso de sua vida, aquilo que o(a) marcou profundamente. Dá ênfase a alguns momentos, não cita outros, traz algumas redes de relações e outras não. O que é realmente importante são os sentidos e significados que constrói em relação às lembranças que traz na narrativa.

Para direcionar esse esforço de delimitação do fluxo de lembranças, nutri questões norteadoras que me auxiliassem a manter vivo o foco do trabalho: Quais as experiências concretas das crianças nos salões de beleza acerca do processo de construção de suas aparências físicas? Como as vivências nos salões ressoam na construção de suas imagens corporais e na forma como se relacionam com seus próprios rostos, cabelos, corpos? De que modo as experiências nos salões ecoam na produção de suas subjetividades? Quais emoções e sentimentos são vivenciados nessas experiências? De que forma as dinâmicas de consumo operadas e vivenciadas nestes estabelecimentos ecoam nos modos como meninas/os se relacionam com seus próprios corpos? Quais os principais estímulos mencionados por elas na busca pela beleza? Qual a relevância disso em suas interações sociais? Numa sociedade na qual um determinado padrão de beleza está intensamente presente em programas e comerciais de TV, redes sociais, nos processos educativos, nos espaços de embelezamento, como os salões, como as crianças lidam com essa imagem-normatizada? Dialogam? Subvertem? Tensionam? Como elas vivenciam seus corpos no lar, no trabalho, nas relações sociais? O que sentem nessas vivências?

Busquei elucidar essas questões calcada nas crianças, levando em conta o dinamismo, a fluidez, a complexidade, as discontinuidades de suas vidas. Considerei que em diferentes momentos de sua trajetória poderiam oferecer

múltiplas interpretações sobre as temáticas em pauta. Aludo a Bourdieu (2005) quando orienta que não devemos olhar a vida de nossos pesquisados como algo acabado, e sim como algo que se faz incessantemente. Desse modo, jamais tive a pretensão de chegar a uma verdade totalizante, a uma conclusão definitiva sobre as relações de meninas/os com seus corpos. No entanto, compreendo que cada interpretação que o sujeito expõe sobre sua existência oferece algumas possibilidades analíticas para o entendimento de sua vida e de seu contexto.

Imbuída desse espírito, descreverei, a seguir, o contexto da pesquisa nos salões. Logo após, apresentarei cenas do trabalho de campo, cujo eixo foram as experiências relacionadas ao convívio das crianças com os serviços oferecidos em diferentes salões estudados. Além disso, compartilho alguns movimentos iniciais em que procurei sair do ambiente do salão e buscar outros espaços de interação com crianças, a fim de construir uma atmosfera propícia para tessitura das narrativas.

Corpos em cena: dos salões à abertura de novas portas

A presença de salões de beleza nas diferentes regiões de Brasília é intensa. Conforme a reportagem do jornal Correio Brasiliense, intitulada “Reis do salão”, “a chance de um brasiliense cruzar com um salão ou instituto de beleza em seu caminho é quase 10 vezes maior do que de se deparar com uma padaria ou 12 vezes mais no caso de uma farmácia, segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).”³ Conforme o levantamento do Sindicato dos Salões, Barbeiros, Cabeleireiros e Institutos de Beleza (Sincaab-DF), em meio às quadras comerciais, às proximidades das mansões à beira lago e no torvelinho de ruas que se desenham distantes do Eixo Monumental, há mais de 7 mil comércio do segmento. No que tange à empregabilidade, são 13,8 mil profissionais atuantes neste setor na capital do país. A média é de 20 salões ou barbearias abertas mensalmente em Brasília.

³ Reportagem disponível em: http://sites.correioweb.com.br/app/noticia/encontro/revista/2012/12/05/interna_revista,161/os-reis-do-salao.shtml. Acesso em: 11 maio 2017.

Embora a pesquisa foque na capital, vale destacar, que, o crescimento vertiginoso dos salões de beleza não é exclusivo destas paragens. Hoje, há cerca de 342 mil salões formalmente registrados no Brasil. Conforme o SEBRAE (2013, p. 17): “Cerca de 7 mil salões de beleza são abertos por mês em todo o território Nacional, a maioria como microempreendedores individuais.” Considerando o alto grau de informalidade dessas atividades, “estes números trazidos à realidade fática de mercado, ou seja, negócios informais somados aos formais, seguramente ultrapassam a casa de 1 milhão” (SEBRAE, p. 17, 2013).

Em 2015, a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FECOMÉRCIO) divulgou, em sua página virtual⁴, informações advindas da Pesquisa de Orçamento Familiares (POF) realizada pelo IBGE, as quais revelaram que as famílias brasileiras investem, anualmente, R\$ 20,3 bilhões em serviços de cabeleireiro, manicura e pedicura. A reportagem aponta que o investimento em cursos regulares de educação (da pré-escola ao ensino médio) consiste em R\$ 19,86 bilhões – ou seja, as famílias brasileiras gastam mais com salões de beleza do que com educação. O investimento nos serviços estéticos também supera os R\$ 19,86 bilhões referentes ao volume anual gasto com alimentos básicos, tais como aves e ovos. A reportagem destaca ainda que “No comparativo por renda, após a classe C, a A é que mais investe nestes serviços, com o montante de mais de R\$ 3 bilhões, seguida da B, com cerca de R\$ 2,9 bilhões, enquanto os consumidores da classe D despendem de R\$ 1,4 bilhão e da E, R\$ 1,1 bilhão.”

Esses dados se devem ao fato de que entre as sociedades contemporâneas, a brasileira é uma das que mais movimentam a ideia de transformar e modelar o corpo. Nas mais diversas regiões e contextos do país, propaga-se a noção de que o corpo deve ser exposto, experimentado, vivido. Diariamente, pessoas das mais diferentes idades e condições econômicas são estimuladas a administrar a própria aparência, a redesenhar as suas formas físicas.

Nessa dinâmica, propaga-se que o corpo deve ser exposto, experimentado, vivido. Somos, diariamente, estimulados a administrar a própria aparência, a

⁴Disponível em: <http://www.fecomercio.com.br/noticia/brasileiros-gastam-mais-de-r-20-bilhoes-por-ano-em-saloes-de-beleza-1>. Acesso em: set. 2017.

redesenhar nossas formas físicas. Os salões de beleza são espaços que movimentam esse convite. Em suas cadeiras, os corpos de crianças e adultos são percebidos e classificados em função de certos critérios estéticos, em que a beleza, em muitos casos, é representada como um dever (Novaes; Vilhena, 2003), que se dá de forma particular, considerando fatores como classe, raça, gênero, idade.

A pesquisa de campo evidenciou que, no cotidiano de muitos salões de Brasília, há uma nítida imposição de um determinado padrão estético, que valoriza um corpo magro e cabelos lisos. Há também uma diferença dicotômica de gênero no modo de perceber a beleza corporal. Os gestos que embelezam as meninas são muito diferentes daqueles direcionados aos meninos. Isso pode ser observado na própria identidade visual da maioria dos locais, de forma especial, nos discursos mobilizados pelos funcionários e frequentadores. As imagens que permeiam a decoração geralmente são de crianças brancas, magras, de cabelos lisos. É certo que há salões, especializados no atendimento de pessoas com cabelos crespos e cacheados, que procuram construir um novo olhar. Ensinam a amar o cabelo crespo, elogiá-lo, tocá-lo com carinho, empoderá-lo. Todavia, nesses não observei imagens representativas de crianças magras e gordas, por exemplo. Até mesmo a estética das meninas negras é muito mais evidenciada do que a dos meninos; não vi imagens representativas deles nas paredes dos salões.

As cadeiras de cabeleireiro dedicadas às meninas são em geral tronos de princesas, enquanto as cadeiras dos meninos são em formato de carro. Quando o menino é chamado para o corte, diz-se: “Vamos ficar bonito pras namoradinhas?”, assim mesmo, no plural. As meninas ouvem frases como: “Vamos, princesa?”. Expressões como “corte de homenzinho”, “corte militar”, “cabelo bom”, “cabelo ruim” são recorrentes.

É comum estabelecimentos – de pequeno ou grande porte – divulgarem nas redes sociais fotos com crianças no momento da realização dos serviços. Nas fotos das meninas, as legendas usuais são: “Lindo penteado para deixar a princesa toda estilosa!”. Nas fotos dos meninos, lê-se: “Dia de ajeitar a jubinha” (referência a juba de um leão), “Porque todo menino é um super-herói!” (na foto, aparece o corte do cabelo de um garoto, com um raio desenhado à máquina, alusão ao personagem *Flash*).

No interior dos salões, é intenso o estímulo ao consumo. Vendem-se produtos de embelezamento e adornos; há campanhas promocionais, como “a unha da mãe sai mais barata se a filha também fizer”. Realiza-se promoção especial no final das férias escolares: “Voltar às aulas com estilo”. Em alguns estabelecimentos, promovem-se festas de aniversário, chamadas “o dia da princesa”. Nelas, a aniversariante celebra mais um ano de vida ao lado das amigas em meio aos serviços do salão. As meninas pintam as unhas, fazem maquiagem, penteados. Toda decoração da festa alude ao universo da beleza.

Nessas cenas, observam-se idealizações de determinados padrões estéticos. Tais ambientes, muitas vezes, revelam-se espaços coercitivos, por incentivarem normatizações de corpo, beleza e gênero. Estimulam, por vezes, a normalização do olhar em torno do entendimento de beleza atrelado a um restrito padrão estético – entre suas exigências: silhueta magra, cabelos lisos – e coadunam com uma forma binária de entender o gênero, visível nas expressões: corte de menina, corte de menino. Vale frisar que os salões não podem ser vistos apenas como locais de reprodução ou negociação da beleza, mas também como espaços de sociabilidade. São ambientes lúdicos, em que as crianças criam laços com os profissionais e com outras crianças ali presentes.

Durante a pesquisa, presenciei cenas que mostraram meninas e meninos reiterando parâmetros de beleza e critérios normativos de distinção de gênero. Todavia, também registrei cenas de crianças negociando, deslocando e negando tais parâmetros e critérios. Assim, não posso afirmar, com efeito, que todas as crianças reagem de forma acrítica diante dos discursos e estímulos presentes no salão, nem que existe, entre elas, uma interpretação homogênea acerca desses apelos. Louro (2014) afirma que os atores infantis não são receptores passivos de processos pedagógicos externos; mas agentes que participam ativamente desse empreendimento.

Para vermos esse movimento e darmos continuidade à discussão, apresento, a partir de agora, cenas etnográficas que presenciei nos salões estudados.⁵ Após apresentá-las, ofereço uma interpretação possível sobre as

⁵ As cenas que se desenham nos salões já foram descritas no artigo *Beleza, produção e normalização do corpo em narrativas de crianças* na revista *Civitas*. No texto ora presente, procuro trazer outros ambientes e adensar a análise.

cenar, à luz da literatura das ciências sociais, buscando elucidar as questões deste trabalho.

Cena 1: O local é um salão de médio porte localizado na Asa Norte, no Plano Piloto, região com imóveis de alto valor de mercado. A menina é Larissa, cinco anos, cabelos loiros e longos, olhos verdes, vestido lilás. Cliente assídua, adentra o salão com desenvoltura, e logo é cercada de elogios à sua beleza e vestimenta. Depois de ter o cabelo lavado, acomoda-se confortavelmente à cadeira para iniciar o corte. Toca as madeixas e adverte: “Tia, corta só as pontinhas!”. A profissional ri. Antes mesmo da cabeleireira iniciar o trabalho, a menina pergunta à mãe: “Posso fazer as unhas, mamãe?”. A mãe responde, sorrindo: “Larissa, Larissa”. A manicura, de pronto, emenda: “Opa! Hoje, é dia de promoção mãe e filha!” A mãe responde: “Tá, Larissa!”. “Que cor você quer?”, pergunta a manicura. “Laranja”, diz a menina. A profissional responde: “Vai ficar show!” Assim, Larissa, ao mesmo tempo, tem uma profissional cortando os cabelos, outra fazendo as unhas. Ao terminar, ela recebe mais elogios e um pirulito. Sopra os dedinhos para secar o esmalte. Enquanto sua mãe faz as unhas, ela caminha no salão em direção a uma parede repleta de adornos e laços. Eu – que já observava a menina em seu processo de embelezamento – aproximo-me, abaixo meu corpo para ficar com o rosto na altura do dela e indago: “Por que você quis pintar as unhas, Larissa?” Como se a resposta fosse óbvia, a menina diz: Para ficar bonita, ora! Na saída, a cabeleireira fala-me: “Essa aí é cliente desde o primeiro corte. Puxou a vaidade da mãe, filha de peixe...”.

Em outro momento, na sala da casa de Larissa que fica numa área valorizada no setor imobiliário, perguntei à garota: “Vamos brincar de quê?”. Ela respondeu entusiasmada: “De maquiagem! Adoro! Vou maquiar você! Maquiagem de festa!”. Retribuo com entusiasmo: “Oba!”. Em seguida, a menina vai saltitando em direção ao seu quarto e no retorno arrasta uma caixa. Traz um dos seus brinquedos favoritos: o salão da Barbie. Pente, escova, espelho e secador em miniaturas. Corre outra vez e traz uma nécessaire rosa repleta de batons, sombras, e adornos. Começa a maquiar meu rosto. Diz: “Você vai ficar linda pra festa. Igual a Larissa Manoela (atriz e cantora brasileira).” Em meio à brincadeira, indago: “Você

gosta de ir ao salão, Larissa?”. Ela responde: “Sabia que a minha mãe disse que eu ia quando tava na barriga?”. “É mesmo?! Desde desse tamanhinho (faço gesto com as mãos)? E você se lembra? Via tudo pelo umbigo da sua mãe?”. Larissa ri e bate a palma da mão na testa, desdenhando de minha pergunta. Insisto: “o que você mais gosta de fazer no salão?”. A resposta: “Pintar unha de rosa. Não, não de maquiagem! Não, não de comprar laço. Não, não! (ri)”. “E você sempre pinta a unha, faz maquiagem, compra laço?”. “Só se eu me comportar bem na escola.” “Como assim?”, questiono. “Uma vez eu chorei muito porque eu não quis ir pra escola e minha mãe foi pro salão e não me levou.”

Laura, mãe de Larissa, sempre foi frequentadora assídua do salão, inclusive quando estava grávida. No mesmo dia de seu parto cesárea, marcou uma visita, com o intuito de sair bonita nas fotos do parto. Fez unha, cabelo e maquiagem. No período da amamentação, também levava Larissa, acompanhada de uma babá. Assim, poderia atender a menina a qualquer momento e dessa forma não ficava preocupada durante suas horas de cuidados estéticos. As negociações em torno da beleza sempre estiverem presentes na vida de Larissa. Foi pelo abandono da chupeta que ganhou o seu primeiro batom. Além disso, a principal condição para ela ir ao salão, comprar acessórios e assistir tutoriais de maquiagem no Youtube é se comportar bem na escola.

Na escola, pude acompanhá-la no dia de seu aniversário. Quatro parentes poderiam estar presentes. Para minha sorte, a mãe pediu a autorização para mais uma convidada, possibilitando a minha entrada. Nesse ambiente, Larissa exerce uma espécie de liderança entre as crianças, em todas as brincadeiras, mesmo as maiores. Ela sai na frente ativa, sugerindo as direções. Notei como é recorrentemente elogiada em relação a sua beleza por professores, funcionários e familiares de seus amigos. Outro dia, sua mãe foi chamada na coordenação porque a menina se recusava ir à escola com tênis comum. “Ela só quer ir com sapato de cristal, um vermelho brilhoso.” A coordenadora compartilhou com a mãe que isso gera alguns problemas. As outras meninas pedem às suas mães sapatos semelhantes. Perguntam porque somente Larissa pode ir diferente para escola. Ademais, o sapato de salto não a auxilia em algumas atividades que exigem mais movimento. Há sempre uma celeuma matinal na casa da menina. Ela quer se arrumar sozinha par ir à escola, lançando mão de maquiagem, adornos, muitas

pulseiras e laços. A negociação é realmente dura, pois a mãe tenta convencê-la a não usar tantos adornos. Geralmente, a menina vence a negociação. Perguntei à Larissa sobre o sapato: “Esse é o sapato certo. Sapato de princesa. Amo esse”. “E o tênis que sua mãe comprou para seu uniforme?”, questionei. Ela cruza os braços. “Eu gosto desse, pronto!”. Entre caixas de brinquedos, rosto maquiado, brigadeiros do aniversário, Larissa foi conversando comigo sobre os caminhos de seu sapato de cristal.

Cena 2: A segunda cena desenrolou-se em um salão de pequeno porte na Ceilândia, no setor habitacional Sol Nascente, região carente de infraestrutura e saneamento básico. A garota é Marina, dez anos, cabelos e olhos castanho-escuros. Chega com vestido e meias coloridas que cobrem toda extensão das pernas. Entra no salão com uma expressão irritada. A mãe informa à cabeleireira que, depois de cortar os cabelos, a menina fará a primeira depilação. Marina retruca: “Mãe, eu já disse que não vou fazer!”. A mãe, em um tom elevado, que todos ouviram, responde: “Que coisa feia, uma moça peluda. Quem já se viu? Não existe isso, Marina!”. A menina replica: “Dói, mãe!”. A mãe insiste: “Ela deve depilar, pois os seus pelos são grossos como os meus. Se não tirar cedo vão ficar encravados.” A mãe argumenta ainda que a depiladora será delicada e não doerá. “Marina, eu sou boazinha. Você vai ficar com a perna linda!”, diz a depiladora. “Eu não quero!”, enfatiza Marina. “Por quê?”, pergunta a depiladora. “Porque a perna é minha!”. Nesse dia, Marina conseguiu evitar a depilação.

Em outra ocasião, convidei Marina para tomar um sorvete comigo em seu bairro repleto de ruas que sequer foram asfaltadas. Neste dia, ela falou pouco, estava mais a fim do sorvete. Conversamos sobre nosso encontro no salão. A menina disse: “Véi, acho um saco perder tempo com isso! Odeio. Ela [a mãe] quer que eu seja como a Juliana [sua irmã de 14 anos] que passa o dia se olhando no espelho. Só pensa em roupa, sapato e maquiagem! Um saco! Não é a minha! Eu não gosto de sentir dor! Tudo dói, pentear o cabelo, tirar sobrancelha, tirar pelo. Pra quê? Tem tanta coisa pra fazer melhor”. Indaguei “Marina, o que você gosta de fazer?”. “Sei lá, assistir série, ouvir música, desenhar”. “Me conta mais sobre essas coisas que você gosta de fazer”. “Adoro desenhar pessoas, lugar, o que vem na cabeça”. “Um dia você me mostra seus desenhos?”. “Vou pensar”. Passaram-se

alguns encontros e Marina mostrou-me seus desenhos. Gostava de desenhar animais como gato, cachorro, cavalo, pássaro. Nas asas dos seus desenhos fomos nos conhecendo melhor.

Cena 3: A terceira cena ocorreu em um salão de grande porte situado na Asa Sul, bairro habitado por muitos moradores com alto poder aquisitivo. O protagonista é João, negro, cabelos crespos, cerca de sete anos, vestido com uma camiseta com o símbolo do Batman. Entra correndo e bem agitado no salão; fica sentado na cadeira da recepção, enquanto os pais conversam com o cabeleireiro. Observo João e vejo que, do lado direito de sua cabeleira, há uma parte raspada. Soube que o menino pegou escondido o barbeador do tio e tentou cortar o cabelo. Alegou que os colegas na escola estavam “zoando” dele. Perguntei aos pais o que lhe haviam dito: falaram que ele não deveria mentir e nem pegar nada escondido. Sobre o comentário dos meninos em relação ao cabelo do garoto, o pai disse que não havia falado nada ainda. O cabelo de João foi cortado bem curto, quase raspado. Perguntei ao menino por que cortara os cabelos e ele respondeu: “Pra ficar igual”. “Igual?”, indaguei novamente. “Sim! Igual lá na minha escola.” João morava no Maranhão e só recentemente passou a morar em Brasília e a estudar numa escola da Asa Sul.

Em outro momento, conversei com João num parquinho perto da sua casa, numa área verde onde ele gosta de jogar futebol com o irmão. Mais interessado em me ver passando vergonha ao jogar bola com ele, conversou pouco aquele dia. Me falou rapidamente. “Meu cabelo cresce assim [aponta pra cima], aí eu não gosto. Os meninos faz bullying”. “O que é bullying?”, pergunto. “Falar mal, colocar apelido...”. “O que os seus colegas falaram?”. “Cabelo de Açolan [esponja de aço], cabelo duro”. “E como você se sentiu?”. “Ah, queria nem ir mais... Mas cortei... Vamos jogar...”. Demorou um pouco até que voltássemos ao assunto.

Ao analisar essas cenas, percebo como Larissa e Marina, no fluir de seus cotidianos e nas vivências nos salões, são estimuladas a acreditar que uma menina, para ser valorizada, deve ser bonita e vaidosa. Assim, elas convivem com exemplos e ensinamentos que lhes orientam a cuidar de suas aparências físicas como uma prioridade, pois isso é fator fundamental para conseguir a aceitação

social. Sobre isso, destaco: a mãe de Larissa faz as unhas juntamente com a menina, que recebe elogios em virtude de sua beleza; a depiladora e a mãe de Marina, buscam convencê-la de que o sacrifício da depilação vale a pena pela beleza. Nessa ótica, as meninas terão uma recompensa social, serão aceitas, terão suas “feminilidades legitimadas socialmente”. No caso de Marina, a depilação surge como um procedimento que lhe possibilitará expor suas pernas ocultas pelas meias, evitando o constrangimento de ser alvo de comentários na escola devido aos pelos. Desde a infância, as protagonistas da pesquisa são ensinadas, de forma prazerosa ou não, a dar atenção a cada parte do corpo de maneira especial. Aprendem que os corpos das mulheres geralmente são percebidos e classificados no cotidiano em função de certos critérios estéticos (Malysse, s/d.). Aprendem que, para as mulheres, a beleza é representada como um dever (NOVAES; VILHENA, p. 24, 2003). Lembremos da mãe de Larissa que foi ao salão no dia do próprio parto, uma prática cada vez mais comum.

Por mais que Larissa e Marina reajam de maneiras diferentes nos salões – a primeira, com aceitação, solicita por conta própria consumir outros serviços, ao passo que a segunda, com resistência, não aceita depilar as pernas –, há uma similaridade entre suas vivências. Por mais que os ensinamentos da beleza sejam orientados aos seus corpos, pela via dos processos educativos em casa e nos salões, eles são passados e interpretados como se fossem próprios à natureza da mulher, como se estas fossem predestinadas a cumprir certos rituais de embelezamento e higiene.

Essas ideias nos processos educativos naturalizam papéis e funções dos indivíduos; procuram homogeneizar os comportamentos, os modos de pensar e sentir as corporalidades. Nos salões, durante os cortes de cabelo dos meninos, é comum ouvir exclamações do tipo: “Vamos ficar bonito pras namoradinhas?”. Esta pergunta naturaliza, claramente, a possibilidade do homem ter várias namoradas. Enfim, tais ideias têm um caráter universalizante a respeito de homens e mulheres. Desconsideram, inclusive, as dificuldades que muitos sujeitos sentem ao ter que enquadrar seus corpos em determinado padrão de ser e viver.

Louro (2016, p. 18) reflete sobre o modo como a escola pratica a pedagogia da sexualidade e o disciplinamento dos corpos: “existem [...] algumas referências e critérios para discernir o quanto cada menino ou menina, estava se aproximando

ou se afastando da norma”. Pondera ainda que não se trata de atribuir à escola nem o poder ou a responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos determiná-las de forma definitiva. Afirma que “é preciso reconhecer, contudo, que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm efeitos de verdade, constituem parte significativa das histórias pessoais” (p. 21). Reconheço – nos salões de beleza – esse mesmo caráter pedagógico. Nesses espaços, são recorrentes ideias convencionais sobre o corpo, o gênero e a beleza e tais estímulos tentam pautar os cortes de cabelo e as vivências. Pode-se afirmar, portanto que estes espaços pesquisados mostram-se marcadamente heteronormativos.⁶

Aqui, devo retomar a reação de Marina. Por mais que a menina seja impelida a fazer a depilação e esteja sendo constrangida na escola em virtude dos pelos nas pernas, ela reagiu a tudo isso. Tentou transgredir. Sentenciou: “A perna é minha!”. Marina reivindica esse direito. Informa que depilar não é o único caminho a ser seguido. Aqui, novamente, desnaturalizo a ideia de que as crianças estão meramente sujeitas a um processo de socialização e recebem-no de forma mecânica e passiva. A menina quer depositar sua energia em desenhar animais e questiona o processo doloroso dos tratamentos estéticos.

Segundo Butler (2001), o gênero é performativo, um modo de subjetivação dos sujeitos, é sempre uma dinâmica, uma ação e nunca uma verdade totalizante. Nesta perspectiva, por ser performático, o gênero vivencia um constante movimento de construção, criatividade, transitoriedade, estando sempre em referência a contextos específicos de significação. Sobre a performatividade, ela enfatiza que deve ser entendida “não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e referencial, mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia” (BUTLER, 2002, p. 18). Assim, a performance é plural, passível de transformações e pode subverter a ordem vigente.

Nessa trilha de pensamento, percebo que as performances das crianças ora reiteram os critérios e as referências sobre corpo, beleza e gênero anunciadas nos salões, ora deslocam, negam e subvertem tais critérios. Observo também que é recorrente o uso de estratégias e orientações por parte de funcionários e

⁶ Sobre o debate transgênero ligado a infância ver Souza (2006).

pais/responsáveis, que reforçam um esquema marcadamente binário, anunciado no padrão de beleza vigente – o que ocorre por meio de carinho, piadas, palavras de incentivo, frases pedagógicas ou mais enérgicas: “Isso é tão feio para uma menina! Brincar assim é coisa de menina!”.

Na esteira dessa reflexão, remeto ao trabalho de Cohn (2005), que faz uma discussão sobre o modo como os Xikrin concebem a infância, rompendo com a ideia corrente de que a experiência da criança é uma mera imitação do mundo adulto. A autora mostra que “o que as crianças estão fazendo não é uma mera imitação do mundo adulto, mas uma constituição ativa de relações sociais que as acompanharão por toda a vida (COHN, 2005, p. 211).

Em consonância com Cohn, é possível perceber os gestos de embelezamento executados pelas crianças com quem interagi para muito além da mera imitação. Nos salões, elas convivem com práticas e valores anunciados em torno de suas belezas físicas e formas de ser. Elas manejam e negociam, reiterando ou desestabilizando esses aprendizados, ou seja, convivem com eles em suas trajetórias. Pela análise das cenas, percebi que, para muitas delas, as experiências vividas nos salões não se encerram no momento em que atravessam as portas desses locais. Em muitos casos, elas continuam ressoando no modo como percebem suas próprias imagens corporais e de seus pares.

Pensemos, por exemplo, a incorporação intensa de cosméticos e de práticas de embelezamento nos cotidianos de Larissa, da irmã da Marina e de tantas crianças pertencentes a diferentes realidades econômicas e culturais. Isso, sem dúvida, alimenta o desempenho do mercado da beleza. As linhas de produtos de beleza exclusivos para crianças cresceram mais de 40% em dois anos (ABIPHEC, 2015). O Brasil, inclusive, é o segundo mercado consumidor do mundo em cosméticos voltados ao público infantil. Se por um lado a presença dos cosméticos e do engajamento para construir um corpo belo nas vidas de meninas e meninos pode corroborar com práticas saudáveis pertinentes ao cuidado de si, às noções de higiene, ao zelo corporal e à autoestima, por outro, a partir do momento que assumem uma face excessiva, podem prejudicar seriamente as crianças tanto na dimensão psicológica, quanto física, tornando-se um problema de saúde pública. O uso incorreto de cosméticos, por exemplo, pode desencadear reação alérgica

(Albuquerque, 2010). Essa reflexão leva a questionar uma ideia usual de que: “um corpo bonito é necessariamente um corpo saudável”.

Retomo a cena de João, que investiu contra sua imagem para oferecer uma resposta concreta às exigências do olhar de seus pares. Buscou um cabelo que lhe proporcionasse uma ampla socialização: “Pra fica igual”, diz o menino. Aqui, torna-se relevante o pensamento de Bouzon (2010, p. 278-9), para quem, socialmente, “o cabelo classifica e hierarquiza, qualifica e desqualifica, exclui e inclui, aproxima e distancia”. Nesta pesquisa ficou evidente o quanto o cabelo liso é um dos elementos relevantes do padrão de beleza exigido socialmente. Malysse (s\d, p. 21.), ao realizar um estudo antropológico sobre o preconceito capilar e os usos sociais do *megahair* em Salvador revela que “no Brasil, como em muitas outras culturas, o loiro e o liso dominam a escada estético-social da beleza capilar”. Mesmo em muitos salões étnicos, conforme Arango (2016), não se fala abertamente em raça, mas os serviços oferecidos prometem *tratar, domar* ou *resolver* o “problema” das pessoas de cabelo crespo.

Na maioria dos estabelecimentos pesquisados, as meninas de cabelo crespo são estimuladas a prender suas madeixas, diminuir o volume no corte ou mesmo a alisá-las. As de cabelos lisos, ao contrário, são orientadas a exibí-los. É certo que há salões que procuram construir um novo olhar. Ensinam a amar o cabelo crespo, elogiá-lo, tocá-lo com carinho, empoderá-lo. Todavia, mesmo nesses locais não observei o mesmo grau de elogios para crianças magras e gordas, por exemplo. Até mesmo a estética das meninas negras é muito mais evidenciada do que a dos meninos; não vi imagens representativas deles nas paredes dos salões, por exemplo.

Santos (2013) possui uma pesquisa muito potente para pensar tais narrativas, realizada numa escola municipal em São Paulo. A autora deslinda que no quesito beleza, no crivo dos meninos e meninas entrevistados, “a maior parte das crianças negras não são consideradas bonitas, se comparadas com as crianças não negras” (p. 124). A autora fez a seguinte indagação aos alunos participantes do estudo: “Qual dentre os seus colegas você acha o mais bonito? Qual dentre os seus colegas você acha o mais feio?”. O resultado: “cinco dentre nove alunos negros não receberam nenhuma indicação de preferência no quesito beleza, mas em se tratando de crianças feias todas as crianças negras tiveram ao menos

uma indicação” (p. 125). O cabelo de João foi ofendido e sua narrativa mostra as relações entre critérios rígidos de embelezamento e discriminação de corporalidades. O menino mencionou que nem queria ir mais a escola devido o tratamento recebido

Os pais de João chamaram sua atenção *por mentir e roubar o barbeador*, mas ainda não haviam tratado sobre o cabelo que fora alvo de chacotas na escola. João teve os cabelos praticamente raspados. Ao contrário de Larissa, não ouvi nenhum elogio às suas madeixas antes do corte. Só depois, quando os cabelos já haviam sido cortados. Aludo às ideias de Finco e Oliveira (2011, p. 63), para quem “ultrapassar as desigualdades de gênero e de raça pressupõe compreender o caráter que hierarquiza e naturaliza as diferenças reduzindo-as às características físicas, tidas como naturais, e conseqüentemente, imutáveis”.

A intenção desta pesquisa não é atribuir aos familiares e às equipes dos salões de beleza responsabilidades pela maneira como as crianças relacionam-se com seus corpos, mas refletir sobre como o contexto social impõe ou orienta todos eles (crianças, familiares e funcionários) à adoção de um determinado padrão estético. Procuo pensar sobre as exigências desse padrão, os interesses que a ele estão relacionados e busco questioná-lo, já que é limitado física e subjetivamente diante da diversidade dos indivíduos.

A análise das narrativas de Larissa, Marina e João e de tantas outras crianças apontam que, em suas rotinas, a imagem corporal torna-se elemento preponderante na definição de quem deve ou não ser admirado. A beleza é vista como uma forma de alcançar a aceitação social, o que é respaldado por diversas instâncias sociais: indústrias de cosméticos, medicina estética, mídia e outras que incitam o empreendimento de um trabalho sistemático na aparência física. Destaco que essa valorização da beleza gera, através de suas nuances, acentuada distinção de classe, gênero e raça; evidencia mecanismos de reprodução de desigualdades.

Ao lançar mão do método das narrativas biográficas, ao respeitar os espaços de enunciação das crianças, ao aprender com elas pude ter acesso as dores e delícias da construção de suas autoimagens. Ouvi, em demasia, crianças expressando inseguranças, tensões e desconfortos em relação a sua estatura, tipo de cabelo, forma física. Num movimento de alteridade, é preciso refletir, conforme

Arroyo e Silva (2012), sobre o trabalho árduo que elas terão para a construção positiva de sua identidade corpórea, pois isso “exige penosos processos de desconstrução de representações inferiorizantes e preconceituosas de seus corpos que a cultura social, midiática e até literária ainda reproduz” (Arroyo; Silva, 2012). Acompanho estes autores quando argumentam que essa construção positiva não depende só das crianças, por mais que estas se afirmem como sujeitos ativos: “Depende da relação imbricada criança e família, criança adulto no que se refere às lutas e às conquistas de seus direitos individuais e coletivos” (Arroyo; Silva, 2012). Essa construção positiva pede formas mais democráticas de pensar a beleza.

Aqui aludo a hooks (2005) quando convida a refletir sobre as práticas de embelezamento para além de meras escolhas pessoais, de um ponto de vista social e político. Debater as assimetrias e desigualdades geradas por noções restritas de beleza é um problema – que não é individual de uma ou outra criança, mas um problema político, social, que precisa ser enfrentado coletivamente. Essa politização não pode prescindir da colaboração efetiva das crianças e de suas narrativas. Elas têm muito a dizer sobre suas vivências relacionadas ao processo de embelezamento que perpassa cotidianamente suas vidas. Suas participações são preciosas. Ao pedir que Joana, 11 anos, descrevesse uma pessoa bonita, ela afirmou: todo mundo é bonito de um jeito diferente. Basta olhar com carinho.

REFERÊNCIAS

- ARANGO, Luz. Cuidado, emoções e condições de trabalho nos serviços estéticos do Brasil. In: ABREU, Alice Rangel; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (orgs.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 223-32.
- ARROYO, Miguel; SILVA, Maurício Roberto da (orgs.). **Corpo-infância**: exercícios tensos de ser criança. Por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BIROLE, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191
- BOUZÓN, Patrícia. **Construindo identidades**: um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza. 2010. 334f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-72.

- _____. **Cuerpos que importan:** sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-76, 2006.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- Da Ponte, VP. (2018). Beleza, produção e normalização do corpo em narrativas de crianças. **Civitas**, 18, 153-170.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora EDUFBA, 2008.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-61, 2005.
- FINCO, Daniela; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; FINCO, Daniela Finco (orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011, p. 55-80.
- HIRSCHFELD, Lawrence A. Por que os antropólogos não gostam de crianças? **Latitude**, Vol. 10, nº 2, pp. 171-216, 2016
- HOOKS, bell. Alisando o nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba** - Unión de escritores y Artistas de Cuba. 2005. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo>. Acesso em: 7 jun. 2019.
- KOFES, Suely. História de vida, biografias, trajetórias. Campinas: UNICAMP, 1994.
- _____. *Uma Trajetória em narrativa*. Campinas: Autores associados, 2001.
- KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, 2002.
- LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MALYSSE, Stéphane. **Extensões do feminino: megahair, baianidade e preconceito capilar**. s.d. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/11/4.html>. Acesso em: 15 set. 2015.
- NOVAES, Joana; VILHENA, Junia. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulheres, beleza e feiura. **Interações**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003.
- PASSEGGI, Maria da Conceição et al. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. *Educação*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br>. Acessado em 15/09/2019
- PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 225-70, 2007.
- PIRES, Flávia; SARAIVA, Marina. Apresentação do dossiê ser criança no Brasil hoje: (re)invenções da infância em contexto de mudança social. **Latitude**, Maceió, v. 10, n. 2, p. 165-169, 2016.
- SARMENTO, Manuel. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.
- SANT'ANNA, Denise. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 14, p. 235-49, 2000.
- SANTOS, Jussara Nascimento. **Preconceito racial em foco: uma análise entre alunos negros e não negros da educação infantil escola municipal de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.
- SOUSA, Emilene. **Corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância**. Florianópolis. Editora UFSC, 2017.

SOUZA, Érica. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 26, p.169-99, 2006.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SARMENTO, Manoel. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003. SOUSA, Emilene. *Corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância*. Florianópolis. Editora UFSC, 2017.